

LINGUASAGEM

“A HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA É FURADA”: UMA ENTREVISTA COM O PROFESSOR IZIDORO BLIKSTEIN, TRADUTOR DE ROMAN JAKOBSON

Silvana Silva¹

RESUMO

Esta Entrevista busca elucidar ao leitor, em especial ao linguista, alguns aspectos da produção editorial da tradução de *Linguística e Comunicação* (1976), de Roman Jakobson, a partir da Entrevista com seu tradutor, o Professor Izidoro Blikstein. Além desse objetivo, almejamos também compreender alguns aspectos da organização institucional da Linguística no Brasil na década de 1960 a 1970, período de disciplinarização da Linguística em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista; Izidoro Blikstein; Roman Jakobson

Entrevistado: Professor Doutor Izidoro Blikstein. Graduado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1960), com Especialização em Letras Clássicas pela mesma instituição (1962). Mestrado, em Linguística Comparativa realizado na Université Lumière Lyon 2 (1962). De 1963 a 1965, trabalhou como leitor nessa mesma universidade. Em 1973, defende, sob orientação de Isaac Nicolau Salum, sua tese de doutorado em Letras na Universidade de São Paulo. Tradutor da obra *Linguística e Comunicação*, de Roman Jakobson, para a Língua Portuguesa. Tradutor do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. Tradutor de *Elementos de Semiologia*, de Roland Barthes, *Semiologia e Comunicação Linguística*, de Éric Buysens. Todas essas traduções foram realizadas pela Editora Cultrix.

¹ Professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Pós-Doutora em Estudos Enunciativos e Retóricos pela Université de Liège, Bélgica. Contato: ssilvana2011@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4261842302676319>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4069-580X>

Entrevistadora: Professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Pós-Doutora em Estudos Enunciativos e Retóricos pela Université de Liège, Bélgica.

Apresentação do contexto de coleta da entrevista

A entrevista foi concedida no dia 30 de novembro de 2023, às 17h, via online, com duração de 1 hora e 10 minutos. O professor Izidoro Blikstein recebeu o Roteiro com uma semana de antecedência. A entrevista foi revisada pelo Professor e entregue para publicação no dia 15 de janeiro de 2024.

Apresentamos inicialmente o Roteiro de Questões, em seguida, a Transcrição Comentada da Entrevista. A Interpretação das Falas do Professor Izidoro são de inteira responsabilidade da Entrevistadora. Por fim, apresentamos, em anexo, duas fotografias da Entrevista em diferentes momentos.

Roteiro de questões

Boa tarde, Professor Izidoro. É com muita satisfação que tenho a honra de conduzir essa Entrevista. Como todo estudante e todo professor de Letras deve saber, o senhor foi responsável pela primeira tradução do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, para o Brasil, além de ter traduzido o livro *Linguística e Comunicação*, de Roman Jakobson, objeto desta Entrevista.

1. Na Entrevista concedida à Unicamp em 2000², e coordenada pela professora Eni Orlandi, o senhor afirmou que: “A visita fulgurante de Jakobson deu-se em setembro de 1968 e ele deslumbrou a USP com sua visão multidisciplinar, demonstrando as profundas relações entre Linguística, Semiótica, Poética, Literatura, Cinema, Teatro, Antropologia, etc.”. Hoje, em 2023, após a consolidação da Linguística em suas inúmeras vertentes no país, é ainda possível se deslumbrar com o pensamento de Roman Jakobson?

2. Na mesma entrevista, o senhor afirma que: “A vinda do Jakobson foi promovida por um grupo de professores da Faculdade de Filosofia.” Poderia esclarecer essa afirmação?

3. Mais adiante, o senhor informa que a vinda de Jakobson, uma vez que mobilizou pessoas interessadas em Linguística e Antropologia, o motivou a ministrar Linguística para os alunos de Antropologia. O que mais poderia contar dessa

² Os entrevistadores, conforme informação da nota de pé de página, foram os professores Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Guimarães, Eni P. Orlandi e José Luiz Fiorin. A entrevista pode ser localizada no seguinte endereço: https://www2.iel.unicamp.br/webdocs/iel/hil/publica/relatos_06.html#entrevista

experiência? Os estudantes de Antropologia estavam mais preparados do que os de Letras para compreender o pensamento de Jakobson na época?

4. De volta ao Curso de Letras. Mais adiante, o senhor informa na Entrevista que: “A cadeira era de Glotologia Clássica, depois virou Linguística Indo-Européia, que era o que ele [Jakobson] dava.”. Por quanto tempo o senhor ministrou essa ‘nova’ disciplina? E sempre utilizou a bibliografia de Jakobson nessa disciplina?

5. Uma afirmação sua na Entrevista concedida à Unicamp foi, a nosso ver, muito intrigante. Vejamos: “De modo que o Jakobson, o que ele representou? Que desdobramentos sua vinda produziu? Foi essa abertura para Antropologia, que foi impedida depois. Como é que é um professor de Filologia Românica querer estar dando aula de Antropologia, não é possível, não é? Eu acho que isso ilustra muito bem a barreira que se estabeleceu entre a área da Filologia e esse campo interdisciplinar.”

Poderia dizer os motivos que o senhor percebe para esse impedimento de um professor de Letras dar aulas no curso de Antropologia? O entrevistador sugere o surgimento da Linguística Formal. Há apenas motivos institucionais envolvidos?

6. Uma questão sobre o livro *Linguística e Comunicação*. O senhor informa que a motivação inicial foi dada pelo poeta José Paulo Paes e também que vocês tiveram uma discussão sobre a concepção de signo linguístico em Jakobson. A questão é afinal: em sua leitura, afinal em que medida Jakobson era um saussuriano estrito e em que medida ele trouxe outra visão sobre a natureza das relações internas e externas ao signo linguístico?

7. Ainda sobre o livro *Linguística e Comunicação*. O senhor informa que o texto *Shifters, verbal categories and the russian verb*, largamente utilizado em apostilas em diversos cursos, não foi incluído na tradução brasileira, em função de uma decisão editorial, justificada pela demanda de um “livro curto”. Haveria outro motivo para essa exclusão? Esse texto de Jakobson apresenta um aspecto técnico da ordem gramatical que é incontornável para qualquer estudo da língua, além de ter grande envergadura teórica.

8. Sobre a difusão do pensamento de Jakobson, o senhor afirma que: “O que fomos percebendo foi que as funções da Linguagem começaram a entrar no currículo da escola secundária.” De forma geral, tenho percebido que o ensino das funções da linguagem tem desaparecido dos livros didáticos de Língua Portuguesa, após a ‘redescoberta’ de outro pensador russo, M. Bakhtin. O que o senhor acompanhou sobre a difusão do pensamento de Jakobson nas escolas?

Agradecemos sua preciosa atenção! Lhe informaremos oportunamente sobre a publicação. Submeteremos a Entrevista para publicação na Revista *Linguasagem* (UFscar), Dossiê *História e Historiografia da Linguística*. Mais uma vez, muito obrigado!

Entrevista: transcrição comentada

A entrevista iniciou pontualmente às 17 horas do dia 30 de novembro de 2023. Ela foi realizada em tom de conversa. O professor Izidoro iniciou agradecendo o convite. Afirmou ter verificado quem eu era, quer dizer, que tinha se assegurado que eu sou Professora adjunta do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Optei por não fazer uma *transcrição* de sua fala (a entrevista não foi gravada) e sim um *relato* do encontro com o Professor Izidoro.

Inicialmente o professor Izidoro, de posse de uma folha, que, creio, ser a impressão das questões enviadas previamente, fez referência à questão número 1 dizendo que se trata de uma “questão de fundo” que perpassa todas as demais questões. Iniciou justamente tomando a ideia de Jakobson ser uma figura “fulgurante”, que, de fato, encantou a todos. Jakobson, em suas palavras, foi um revolucionário dos estudos da linguagem, pois aproximou campos díspares do estudo da língua, seja o registro popular, seja o registro clássico, erudito. Indicou ainda uma publicação de Evanildo Bechara que retoma o legado de Jakobson para os estudos gramaticais. O professor Izidoro ressaltou que esse foi o primeiro aspecto da importância de Jakobson para os estudos linguísticos: ele aproximou objetos de descrição e compreensão da língua que antes não eram sequer estudados (o registro popular).

O segundo fator de importância de Jakobson, seu aspecto ‘fulgurante’, não foi o aspecto intelectual, acadêmico. Jakobson era uma pessoa muito empática, carismática. Tinha uma personalidade aberta. Quis conhecer a vida dos brasileiros, falar com as pessoas, falar com pessoas de diferentes etnias, observar seus modos de falar.

O professor em seguida fez uma ressalva: nem todos gostaram de Jakobson. Mencionou o linguista francês estruturalista André Martinet, que, numa entrevista, disse “Il est plutôt genial que sérieux.” Quer dizer – e traduziu – ele era mais genial que sério. Enfim, Jakobson era apenas “muito criativo”. Nesse ponto, rimos juntos. Enfim, como disse, a opinião de Martinet pesava muito na época. Muitos professores não assimilaram seu trabalho na época. Isso não impediu que a Cultrix investisse em seu projeto de publicar o que o professor Izidoro chamou de “linguistas pioneiros, de vanguarda”. Reforçou ainda o grande papel da Cultrix para o ambiente intelectual e universitário.

Ainda, o professor Izidoro dedicou grande parte de sua fala para tecer comentários à grande figura do editor da Cultrix, o poeta José Paulo Paes, que ele reconhece como

uma grande figura intelectual da época. Paes convidara o professor Izidoro (recém vindo de seu doutoramento na França) para diversos projetos de tradução de linguística no país. Lembra ainda que Paes era químico, trabalhava numa indústria e também era poeta. Era poeta concretista, logo tinha profundo conhecimento do funcionamento da língua, acrescentou o Professor Izidoro. Não tinha formação em Letras, portanto. Conta ainda que em sua relação de amizade recebia poemas de Paes, lembrando entre eles, “O epitáfio do negócio”. Nesse ponto da entrevista, o Professor Izidoro parece se divertir contando a estrutura do poema. “Primeira linha negócio, segunda linha ego, terceira linha ócio, quarta, zero. Enfim, o que fez de sua vida o homem de negócios? Nada.”, conclui o Professor Izidoro com um sorriso.

Izidoro retoma novamente a questão da edição do livro. Informa que a Primeira Edição recebeu aprovação e forte recomendação de publicação da Editora da Universidade de São Paulo.

Em seguida, o professor Izidoro se refere à questão que eu fiz sobre sua participação no Curso de Antropologia. Informa que deu aulas no curso de Pós-graduação em Antropologia. Com expressão séria, me conta que esse convite gerou “reações infantis” por parte de seu Departamento no Curso de Letras. Na época, o coordenador do Departamento, Isaac Salum, fez uma espécie de mediação, sugerindo que Izidoro alternasse um semestre e outro no Curso de Antropologia. O professor Izidoro acabou não oferecendo novamente um curso na Antropologia, embora continuasse a entreter relações com os professores da Antropologia.

Em seguida, toma o livro *Linguística e Comunicação* nas mãos e me mostra a capa. Menciona o primeiro texto da publicação brasileira de *Linguística e Comunicação*, que é justamente o texto sobre as relações entre linguística e antropologia, texto de abertura das relações entre essas áreas. Em seguida, começa a discorrer sobre o conteúdo do texto sobre *Afasia*. Percebo que ele gosta muito desse texto de Jakobson. O professor Izidoro deve ter-se dado conta de alguma expressão facial que fiz e disse “não vou explicar o texto para a professora de Letras”. No entanto, como queria falar muito sobre os conceitos de metáfora e metonímia contidos no texto, passou a falar de trabalhos e artigos que publicou inspirados nesse texto de Jakobson. Analisou o livro *Vidas Secas* e o filme também. Uma fala sua me foi muito particularmente importante: “Inspirado por Jakobson, procurei metáfora e metonímia em todos os cantos, nas falas cotidianas, em vários lugares, não só na literatura. Na época encontrei uma vizinha no elevador, que era uma senhora dona de casa, com filhos e netos cuja função era cozinhar para família. Eu

perguntei ao vê-la com uma malinha, ‘a senhora vai viajar?’ ao que ela respondeu ‘vou só trocar de fogão’.” Nesse momento, um silêncio de alguns segundos se fez entre nós. Depois rimos e ele complementou explicando: “Ela fez uma legítima metonímia: não ia viajar, ia cozinhar em outro lugar e, assim, resumiu toda sua vida”.

Aqui gostaria de fazer um comentário sobre esse ponto da entrevista. Com esse exemplo, percebi o quanto Jakobson e, mais particularmente, o texto da *Afasia* havia profundamente tocado o pensamento linguístico do Professor Izidoro. Sobre a doença em si ele diz: “é uma doença muito infeliz.”

Em seguida, o professor Izidoro passa a falar do próximo capítulo do livro, o da *Tradução*. Menciona que dera uma palestra há duas semanas sobre a questão da tradução intersemiótica do livro ao filme de *Vidas secas*, que tinha sido tema de seus trabalhos ainda na década de 70.

O professor Izidoro menciona rapidamente o texto *A procura da essência da linguagem* e faz uma frase que considero de ‘impacto’ sobre o texto *Linguística e Poética*: “ensaio definitivo para a Linguística”. Comenta em seguida com vários detalhes um exemplo de análise poética que Jakobson apresenta nesse texto. Trata-se de peça teatral de Shakespeare em que Marco Antonio, ao fazer o discurso sobre César em seu funeral, rebate a argumentação de Brutus. Arremata: “Marco Antonio amplia a distância entre o que diz e o que quer dizer, até dizer o contrário”. Nas palavras de Izidoro, “análise genial de Jakobson”.

Como se trata de análise que o professor Izidoro comenta longamente, e lhe parece bastante viva em sua memória, optamos por transcrever alguns trechos, tal como lemos no livro *Linguística e Poética*:

A força dramática do exórdio de Antônio na oração fúnebre de César é alcançada principalmente pela maneira com que Shakespeare maneja as categorias e construções gramaticais. Marco Antônio desacredita o discurso de Brutus convertendo as alegações para o assassinio de César em puras ficções linguísticas. A acusação que Brutus faz a César, *as he was ambitious, I slew him* ("como ele era ambicioso, eu o matei") é submetida a transformações sucessivas. Primeiramente, Antônio a reduz a uma mera citação, que atribui a responsabilidade da declaração ao orador citado: *The noble Brutus // Hath told you (...)* "O nobre Brutus / Vos contou (...) O recurso mais eficaz da ironia de Antônio é o *modus obliquus* das citações de Brutus convertido em *modus rectus* a fim de mostrar que esses atributos reificados são mais que ficções linguísticas. (Jakobson, 1974, p. 157-158)

[Nesse ponto da entrevista lembro das análises de Bakhtin sobre o discurso direto e indireto, mas espero uma ocasião mais oportuna para perguntar.]

Em seguida, Izidoro fala sobre a estrutura editorial da Cultrix. Informa que a Cultrix fazia parte da Editora Pensamento, editora voltada a livros de auto-ajuda. Informa que a Cultrix, após publicar ‘os pioneiros da Linguística’ (quer dizer, o livro de Saussure e o livro de Barthes), passa a ser vista com mais valor. De qualquer forma, informa Izidoro, seu amigo Paes se sente muito frustrado com a política da editora e pede demissão. “Ele é convidado a dar aulas de Poética na universidade, deu aulas por muito tempo”, diz Izidoro. O professor comenta ainda que ele era um doutor “avant la lettre”, onde “pôde dar vazão a toda sua competência linguística, sua competência artística.”. Acrescenta que fez muitas análises a partir de Jakobson – “filmes, peças de teatro”. Me conta ainda que fez outros trabalhos de tradução com Paes, em especial um sobre uma frase do presidente francês De Gaulle sobre a libertação da Argélia. Teria dito De Gaulle “A Argélia foi libertada”. Izidoro comenta que eles analisaram essa frase como “A França libertou a Argélia” e não “A Argélia se libertou”.

Como o professor Izidoro parecia estar novamente se divertindo com essa pequena história de seu outro artigo, aproveitei e perguntei “Então Jakobson, muito antes da entrada de Bakhtin no Brasil, já permitia se fazer análises de discurso muito refinadas, com muita precisão”. Ao que o professor Izidoro retrucou: “Exatamente.”

Em seguida o professor Izidoro afirma que a publicação de Jakobson possibilita a publicação de “cinco ou seis livros importantes”. Cita Saussure, Buysens, Barthes e Greimas.

[Nesse ponto, após a entrevista, intrigada com a menção a Saussure, pesquisei sobre a data de publicação do CLG: 1975, portanto um ano antes da publicação de *Linguística e Comunicação* de Jakobson. Dessa forma, interpreto que os projetos de tradução de Saussure e Jakobson era ‘contemporâneos’ em sua concepção, ou ao menos nas memórias do Professor Izidoro.]

Em seguida, o professor Izidoro informa que *Linguística e Comunicação* figurou na lista dos “mais vendidos do Estado de São Paulo”. Perguntei a que ano se refere essa informação. Ele disse que era 1995, mas que ia verificar e me informar posteriormente.

Em seguida, o professor Izidoro se refere à minha questão sobre a repercussão de Jakobson nas novas gerações. Informou que sim, que ele seguiu influenciando novas gerações, “embora nem sempre tenha sido citado”. E “esse esquecimento não aconteceu somente com Jakobson.”

Menciona em seguida um outro linguista, romeno, que, segundo ele, “faz uma pesquisa linguística muito séria”. Trata-se de Eugênio Coseriu. Em suas palavras: “era de uma clareza e uma cultura ímpar. Tive aulas com ele na França. Falava com todos os alunos, perguntava de onde vinha cada um e falava com os alunos nas diversas línguas – alemão, inglês, português de Portugal e inclusive (risos) português do Brasil”. Nesse ponto da Entrevista pergunto: “Ele esteve no Uruguai, certo?” Ele complementa que sim: “Pedi emprego na Universidade de São Paulo e não foi contratado. Publicou mais de 20 livros na Editora Gredas. (...) Fez uma crítica muito séria à leitura de Chomsky de Aristóteles, o que evidentemente não agradou os gerativistas.”

Nesse ponto da Entrevista, trouxe uma afirmação lapidar: “A história da linguística é cheia de ocos, de buracos, isso dizia Coseriu. Por isso fico muito contente em que você tenha me contatado para essa entrevista.”

Em seguida, informa que Saussure também foi esquecido, pois as pessoas dizem “é passado, é história e isso também é um tipo de esquecimento”. Percebendo que eu não queria que a gente se estendesse sobre esse tópico, comenta, por fim, sua relação com a frase de Saussure “É o ponto de vista que cria o objeto”, dizendo que ela lhe trouxe muitas reflexões. Mostra seu livro, publicado há poucos anos, *Kaspar Hauser e a fabricação da realidade*, que foi inspirado em grande parte em Saussure. [a voz baixa, talvez por estar realmente pensando; talvez por estar pensativo pelo fato de eu não querer seguir falando de Saussure³]

Depois repete: “É preciso resgatar a História da Linguística. A história é cheia de buracos.”

Em seguida, procuro ‘puxar de volta’ o assunto ‘Jakobson’. Pergunto, retomando o roteiro da entrevista: “por que não foi publicado o texto sobre os *shifters*?”. Então ele responde de forma incisiva: “foi puramente uma questão de ordem econômica”. Informa que a Editora Pensamento tinha por política não publicar livros de mais de 150, 160 páginas. Acrescenta: “Espero não estar sendo respeitoso, Riedel foi taxativo, breiou qualquer página a mais do livro”. E, por fim, com tom desgostoso: “Paes sofria muito com isso, por isso pediu demissão.”

³ Após a entrevista, no momento da transcrição, localizei o resumo da Entrevista concedida em 2013, sobre Saussure, por ocasião do centenário da publicação do CLG, com a professora Alice Maria de Araújo Vieira (UnB). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/13645>. Procurava localizar o artigo que ele escrevera com José Paulo Paes sobre a questão argelina. Infelizmente, não tive acesso à entrevista integralmente e tampouco pude localizar o artigo. Pelo menos, fiquei aliviada em saber que o professor Blikstein já tinha deixado um registro histórico sobre a tradução de Saussure.

Em seguida, o professor Izidoro comenta a relevância de Jakobson hoje. Indica o tema da inteligência artificial. Relembra e conta brevemente um fenômeno que seu filho, professor de engenharia nos Estados Unidos, lhe relatara: a venda maciça de cursos criados por IA para crianças. Sobre Jakobson diz: “As máquinas a gente usa; pesquisa – eu complemento ‘faz busca ativa’ – isso! Mas o Chatgpt não tem a função conativa, a função de agradar o outro. É tudo muito formal.”

Por fim, retoma a minha questão quatro (4) do roteiro: a mudança curricular da Filologia Românica para a Linguística Geral. Diz: “Era só o que tinha na época de estudos linguísticos. Só quem fazia era quem sabia grego, latim. Eu sabia sânscrito também. Teodoro Henrique e Salum ministravam. Passou a ser optativa. Não tinha cabimento. Então a matéria passou a ser a Linguística Geral.”

Pergunto, mais a título de curiosidade, se ele sabia da difusão de Jakobson nas escolas: “O senhor tem netos?” Ele respondeu: “Tenho 3, o mais velho tem 16 anos, mas é uma dificuldade hoje ensinar a gostar de leitura. Depois de muito bater na tecla, com o Davi [o neto mais velho] estamos tentando fazer ver algum filme mais abstrato.”

Sentencia, por fim: “A história da linguística é furada.”

Ao se lembrar do neto mais velho, o professor Izidoro se lembra do nome do diretor do filme *Vidas Secas*, que ele analisara e mencionara no início da entrevista: “Nelson Pereira dos Santos”. Acrescenta: “ganhou prêmio e foi indicado para Academia Brasileira de Letras. Alguém pode questionar. De fato, ele fez uma *tradução intersemiótica*, fez um grande trabalho nas letras.”

Agradeço sua participação na Entrevista e lhe pergunto se ele pode ler o texto e dar sugestões. Digo que não consegui fazer a gravação. Ele assente com a cabeça. Acrescento que, em sete (7) dias, ele deve receber o texto para a avaliação final.

Como referenciar este artigo

SILVA, Silvana. “A história da Linguística é furada”: uma entrevista com o Professor Izidoro Blikstein, tradutor de Roman Jakobson. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.45, n.1, 2024, p. 109-118.

Submetido em: 29/01/2024
Aceito em: 30/09/2024

ANEXOS



Figura 1 - Momento em que o Professor Izidoro Blikstein fala de *Linguística e Poética*⁴



Figura 2 - Momento em que o Professor Izidoro Blikstein fala de seu artigo sobre *Vidas Secas* (livro e filme)⁵

⁴ Elaborado pela Entrevistadora.

⁵ Elaborado pela Entrevistadora.